

Josefo, os fariseus e a reencarnação

Ver com os próprios olhos e pensar com a própria mente não é uma operação fácil. No entanto, somente as pessoas que cultivam essas expressões de independência desfrutam de liberdade diante da vida. (BEZERRA NETO).

Vemos muitos argumentos dando conta de que Flávio Josefo, escritor e historiador judeu, que viveu entre 37 a 103 d.C., afirmou que os fariseus acreditavam na reencarnação. Entretanto, os antirreencarnacionistas logo refutam, dizendo que isso não é bem a verdade. Mas, afinal, quem tem razão? Vamos analisar as informações de Josefo para tentar desvendar esse "mistério".

Josefo dividiu o povo hebreu da seguinte forma: "Havia então entre nós **três seitas**, relativas às ações humanas. A primeira, a dos **fariseus**; a segunda, a dos **saduceus** e a terceira a dos **essênios**." (JOSEFO, 2003, p. 307, grifo nosso).

Ao longo de sua obra *História dos Hebreus*, especificamente quando trata da guerra dos judeus, onde dá mais notícias sobre cada uma delas, cujos dados nós iremos transcrever, juntando-os de conformidade com as seitas mencionadas, diz Josefo:

1ª) Fariseus

A maneira de viver dos fariseus não era nem mole nem cheia de delícias; era simples. Eles se apegam obstinadamente ao que se persuadem dever abraçar. [...] Atribuem ao destino tudo o que acontece, sem, todavia, tirar ao homem o poder de nele consentir; de sorte que, tudo sendo feito por ordem de Deus, depende, no entanto, da nossa vontade entregarmo-nos à virtude ou ao vício. **Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras retornam a esta. Eles granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo**, que segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

[...] os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias. O principal artigo de sua crença é tudo atribuir a Deus e ao destino; entretanto, na maior parte das coisas, depende de nós fazer o bem ou o mal, embora o destino possa ajudar-nos muito. **Eles dizem também que as almas são imortais; que as dos justos passam depois desta vida a outro corpo e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre.** (JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

2ª) Saduceus

A opinião dos saduceus é que as almas morrem com os corpos; que a única coisa que nós somos obrigados a fazer é observar a lei é um ato de virtude não querer exceder em sabedoria aos que no-la ensinam. Os desta seita são em pequeno número, mas **é composta de pessoas da mais alta condição.** Nada se faz, quase que sempre segundo seu parecer, porque quando eles são elevados aos cargos contra sua vontade e às honras, eles são obrigados a se conformar com o proceder dos fariseus, pois que o povo não permitiria que se opusessem aos mesmos. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o destino e creem que, como Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem. Dizem que está em nós fazer o bem ou o mal, segundo nossa vontade nos leva a um ou a outro e **as almas não são nem castigadas nem**

recompensadas num outro mundo. Enquanto os fariseus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros, os saduceus são naturalmente rudes e vivem mesmo grosseiramente entre si, como se fossem estrangeiros. ((JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

3ª) Essênios

Os essênios, a terceira seita, atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus. **Creem que as almas são imortais**, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar as suas ofertas ao templo, sem lá ir fazer os sacrifícios, porque eles o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. [...] **o seu número é de mais de quatro mil.** [...] Essa maneira de viver é quase igual à dos que chamamos *plistes* e vivem entre os dácios. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Desprezam os males da terra, vencem os tormentos com a constância e preferem a morte à vida, quando o motivo é honroso. A guerra que travamos contra os romanos fez ver de mil modos que sua coragem é invencível. Eles sofreram o ferro e o fogo, tiveram quebrados todos os ossos, mas não disseram uma palavra [...] para abrandar a crueldade dos carrascos. Ao contrário, zombavam deles, sorriam e morriam alegremente, porque esperavam passar desta vida para a melhor e acreditavam firmemente, que, **como nosso corpo é mortal e corruptível e nossas almas, imortais e incorruptíveis, de uma substância etérea, muito sutil, encerrada no corpo, como numa prisão**, onde uma inclinação natural as atrai e retém, mas apenas se veem livres destes laços carnis, que as prendem em dura escravidão, elevam-se ao ar e voam com alegria. **Nisto estão de acordo com os gregos, que julgam que as almas felizes têm sua morada além do Oceano**, numa região onde não há chuva, nem neve, nem calor excessivo; mas um doce zéfiro a faz sempre agradável; e que, ao contrário, as almas dos maus, têm por morada lugares gelados, agitados por contínuas tempestades, onde eles gemem eternamente em sofrimentos infinitos. É assim, parece-me, que os gregos querem que seus heróis, aos quais dão o nome de semideuses, morram nas ilhas a que chamam de felizes e as almas dos ímpios estejam sempre atormentadas no inferno, como eles dizem, de Sísifo, Tântalo, Ixion e Títio.

Esses mesmos essênios **julgam que as almas são criadas imortais**, para se darem à virtude e se afastarem do vício; que **os bons se tornam melhores nesta vida pela esperança de serem felizes depois da morte** e que **os maus**, que imaginam poder esconder neste mundo suas más ações, por isso, **são castigados com tormentos eternos.** Tais os seus sentimentos com relação à excelência da alma, dos quais não se afastam uma vez persuadidos. [...]. (JOSEFO, 2003, p. 555-556, grifo nosso).

O que já se começa a delinear é que o que acontecia naquela época é quase o que acontece hoje em dia com as igrejas ditas cristãs; cada uma com sua particular maneira de ver a alma depois da morte, não faltando, entre elas, até a que advoga o aniquilamento dela, tal e qual os saduceus da Antiguidade. A variedade de opções, em relação à salvação, por exemplo, dá para atender a qualquer gosto; salva-se: por crer na Bíblia, por crer em Jesus, por ser batizado, pelo sangue de Jesus, por pertencer a determinada igreja, porque Deus nos ama, porque fomos predestinados; pela reencarnação etc.; e a lista segue...

A seita, que nos interessa ao estudo, é a dos fariseus, da qual é importante ressaltarmos esses dois trechos do que foi dito acima:

1º) "Eles granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo, que segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas". (JOSEFO, 2003, p. 416). Ora, isso demonstra que a crença que tinham na reencarnação, repercutia entre o povo, que, certamente, a abraçavam.

2º) e "os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias". (JOSEFO, 2003, p. 556). Sendo eles portadores de tantos conhecimentos das leis e cerimônias, mais forte razão temos para acreditar que, fatalmente, com base nisso, sustentavam a sua crença na reencarnação, ainda que essa ideia esteja um tanto quanto subentendida; fora, portanto, do alcance do entendimento da massa leiga.

Outro ponto que nos chama a atenção na seita dos fariseus é que Josefo diz tê-la abraçado: “Iniciei-me então nos trabalhos da vida civil e abracei a seita dos fariseus, que se aproxima mais que qualquer outra da dos estoicos, entre os gregos”. (JOSEFO, 2003, p. 477). De fato, em seu discurso, a fim de demover os soldados, que pensavam em se suicidarem, para não caírem vivos nas mãos dos romanos⁽¹⁾, ele tentava persuadi-los; dentre seus argumentos retiramos:

[...] É verdade que nossos corpos são mortais, porque são feitos de uma matéria frágil e corruptível; mas **nossas almas são imortais** e participam de algum modo da natureza de Deus. Assim não podemos sem impiedade tirar aos homens essa graça, que eles, dele recebem como um depósito que lhes quis confiar. E se alguém quiser fazê-lo, poder-se-á iludir em ocultar aos olhos de Deus a ofensa que lhe faz? Todos estão de acordo em que é justo castigar um escravo que foge de seu senhor, embora esse senhor seja mau e nós julgaremos poder sem crime abandonar a Deus, que não somente é nosso senhor mas um senhor soberanamente bom? Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de terem chamado para junto de si, entregaram em suas mãos a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que **suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltarem, no correr dos séculos, a animar corpos que sejam puros como elas(*) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por uma loucura criminosa, dão a morte a si mesmos, são precipitadas nas trevas do inferno**; e que Deus que é o pai de todos os homens vinga as ofensas dos pais nos filhos? [...].

(*) Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.

(JOSEFO, 2003, p. 600, grifo nosso, a não ser o da nota que é do original)

Há, portanto, coerência com o pensamento que ele disse possuírem os fariseus.

Ademais, ao afirmar que a seita dos fariseus se aproximava da dos estoicos, entre os gregos, Josefo dá-nos uma informação bem interessante, porque deles temos o seguinte:

[...] Vejamos o apologista e historiador Lactâncio, no século IV, expressando pensamento dos seus contemporâneos cristãos: “**Os pitagóricos e estoicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro**”. (HESSEN, 2003, p. 27, grifo nosso).

Confirma-se, portanto, a crença dos fariseus na reencarnação, a despeito do que dizem ao contrário.

O que, em primeiro lugar, nos chamou a atenção, nessa transcrição de Josefo, é que o tradutor Padre Vicente Pedroso (?-), presume que ele acreditava na metempsicose, embora, pelo texto, não se pode afirmar, que Josefo acreditava que uma alma humana pudesse animar o corpo de um animal, que é uma hipótese que se aceita na metempsicose. Mas, de qualquer forma, já é um lucro, pois isso significa dizer que Josefo acreditava que uma alma pudesse voltar a animar um corpo humano, que não é outra coisa senão o que entendemos como reencarnação.

Russell Norman Champlin (1933-) e J. M. Bentes (1932-), confirmam que “Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina [reencarnação]”. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585).

Surge a pergunta: mas não parece que sua crença é igual ao conceito moderno, que não admite a reencarnação humana em corpos de animais? Sim, isso é bem certo, e podemos dizer até mais: que a forma que ele entendia de “voltar, no correr dos séculos, a animar corpos puros”, coloca as almas dos justos tendo um “prêmio” ao voltar a viver aqui na terra, enquanto que a ideia hodierna é o contrário, ou seja, são os “ímpios” que voltam para “purgar seus pecados”. Por outro lado, os bons podem também habitar corpos saudáveis exatamente porque

1 Essa rebelião durou de 66 a 73 d.C., e o ano de 70 d.C. assinalou a destruição de Jerusalém. (CHAMPLIN e BENTES, 1995c, p. 630) e o Templo incendiado (CHAMPLIN e BENTES, 1995f, p. 441).

são bons (carma positivo).

Conseguimos chegar a essa conclusão, que não foi fácil, levando em conta que:

- a) sendo a alma imortal, ela vive para sempre (óbvio);
- b) que somente as almas dos maus é que ficarão “eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida”;
- c) que as almas dos justos vão, “no correr dos séculos”, voltar a animar corpos; e
- d) que todos os corpos são mortais, incluindo os “corpos puros” que as almas justas receberam;

Então, concluímos que as almas dos justos estarão dentro de um ciclo de “ida e volta”, por todos os tempos, ou seja, um verdadeiro ciclo sem fim. Talvez poderíamos até dizer que elas estão presas ao que, em sânscrito, dir-se-ia: “*samsara*”, ou seja, numa “roda das reencarnações”, embora às avessas, porquanto, não estão sendo punidas; ao contrário, parece-nos ser-lhes isso um prêmio.

Acreditamos que essa nossa percepção pode ser confirmada com o que os autores Champlin e Bentes citam do seguinte comentário de Adam Clarke (1760/1762-1832) a respeito dos fariseus:

[...] Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que **as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de “recompensa”, pois ofereceria uma oportunidade renovada.** Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 586, grifo nosso).

Timothy Freke (1959-) e Peter Gandy (?-) são mais outros dois autores que também pensam da forma que concluímos, conforme se pode verificar em uma de suas notas explicativas, constantes da obra *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, onde mandam ver Josefo, *The Jewish War* (2.14.165), que transcrevemos:

Na opinião de Josefo, os fariseus ganham o apoio da maioria das pessoas porque ensinavam que a alma sobrevive à morte e recebe quer a recompensa de uma nova vida num outro corpo ou eterno castigo no Além. Os fariseus, aos quais Paulo pertencia, foram modernizadores e helenizadores que foram violentamente contestados pelos saduceus tradicionalistas. **Marcos 12 v18**, diz que: “Os saduceus ensinam que não existe ressurreição”, mas, ao contrário de Josefo, que escrevia na mesma altura, **não vai ao ponto de afirmar que os fariseus ensinavam a doutrina órfica da reencarnação.** (FREKE e GANDY, 2002, p. 270, grifo nosso).

A confirmação de nossa conclusão, por esses quatro estudiosos, é importante, pois não poderão nos acusar de estar “viajando na maionese”.

E, para finalizar, trazemos agora a opinião de um padre católico. Trata-se do padre Manuel Bernardes (1644-1710), escritor, nascido em Lisboa, Portugal, que de várias coisas ditas dos fariseus, transcrevemos as seguintes:

[...] Entre outros vários erros, tinham, supersticiosos, para si que todas as coisas aconteciam por força do fato (como afirma Josefo, que também foi desta seita) e que as estrelas eram animadas, e admitiram em parte a metempsicose platônica (com traz S. Epifânio), **isto é a transmigração das almas de uns corpos em outros, crendo que as dos maus ficavam no inferno**, mas as dos bons tornavam a este mundo. Por isso correu fama que Cristo era Elias ou Jeremias ou algum dos profetas antigos redivivo. [...]. (BERNARDES, 1965, p. 9, grifo nosso).

Também aqui como já aconteceu com o padre Vicente Pedroso, o nosso padre

Bernardes pecou pelo excesso, pois naquela época não se acreditava no inferno, mas na mansão dos mortos, lugar para onde iam todos que morriam.

Voltamos à dupla Champlin e Bentes porquanto afirmam que os **essênios** acreditavam na reencarnação. Falando sobre a teologia deles, explicam-nos:

[...] Eles criam na preexistência e imortalidade da alma, assumindo uma espécie de ponto de vista platônico-filônico sobre a alma. **Também acreditavam na reencarnação** (que vede). A alma, a princípio, habitava na pureza; mas então, ao unir-se com o corpo material, ficou aprisionada, e foi assim que a corrupção da alma teve início. Eles supunham que as almas boas iriam para a bem-aventurança, ao passo que as almas más seriam punidas eternamente. As influências religiosas a que estavam sujeitos, e que explicam em parte algumas de suas doutrinas e práticas, parecem ter vindo do judaísmo, especialmente do farisaísmo, do parseísmo, do paganismo sírio, do pitagoreanismo e do neoplatonismo. (CHAMPLIN e BENTS, 1995b, p. 524, grifo nosso).

Portanto, está mais do que provado que na época de Jesus uma parte dos judeus acreditava na reencarnação, ainda que não nos moldes que nós, os espíritas, acreditamos.

Se o que estamos pensando estiver correto (pelas opiniões dos especialistas mencionados, acreditamos que sim), então, agora, é fácil entender porque Nicodemos, que, como sabemos, era um fariseu, rebateu as palavras Jesus, quando Este lhe disse "*Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus*" (Jo 3,3), dizendo: "*Como pode um homem nascer sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?*" (Jo 3,4). É certo que Nicodemos não tinha pleno conhecimento do processo, razão pela qual Jesus retribuiu-lhe taxativo: "*És mestre em Israel e ignoras essas coisas?*" (Jo 3,9).

Convém explicar, para evitar confusão, que a expressão "de novo", tem o sentido de "novamente", "outra vez" o que indica a **repetição** do mesmo ato ou fato, enquanto os antirreencarnacionistas pretendem dar a entender que, nessa passagem, o "**de novo**" tem o sentido de modo ou maneira, ou seja, uma nova maneira de proceder, ainda na vida atual.

Voltando aos fariseus, mais duas coisas nos chamaram a atenção. A primeira, é que não acreditavam em Juízo final e, a segunda, nada foi falado sobre crerem na ressurreição dos mortos. Inclusive, Josefo, em sua obra, só usa o verbo ressuscitar para os casos de voltar à vida no mesmo corpo como, supõe-se, ter acontecido com o filho da viúva, que foi ressuscitado por Elias (JOSEFO, 2003, p. 217), o defunto Eliseu ressuscitando um homem, cujo corpo fora lançado em cima do seu (JOSEFO, 2003, p. 234), ao citar Jesus (JOSEFO, 2003, p. 418), embora, neste caso, alguns estudiosos digam ter sido um acréscimo ao texto original, e Agripa, em carta a Caio, ao se comparar a um ressuscitado (JOSEFO, 2003, p. 779).

Interessante é que, segundo os tradutores bíblicos, a ideia de ressurreição só vem aparecer pela primeira vez, e com clareza, no segundo livro de Macabeus (Pastoral, p. 622; de Jerusalém, p. 777; Santuário, p. 716; Vozes, p. 617), o qual se ocupa da perseguição religiosa de 175 a 161 a.C. (Bíblia Barsa, p. 801); é, portanto, uma ideia mais tardia. Logo, esse fato só vem confirmar que a ressurreição física só entrou na vida dos judeus por influência de culturas pagãs, com as quais tiveram contato – os egípcios, os gregos, os persas, os romanos, etc.

E Carlos T. Pastorino (1910-1980), explicando a questão do verbo ressuscitar em hebraico, quando de seus comentários sobre os passos Mt 14,1-2, Mc 6,14-16 Lc 9,7-9, que tratam do mesmo episódio, disse o seguinte:

Aparecem dois; *egeírô* e *anístêmi*, ambos traduzidos correntemente com a mesma palavra portuguesa: "ressuscitar". Mas o sentido difere bastante de um para outro.

EGEÍRÔ, composto de GER com o prefixo reforçativo E (cfr. o sânscrito *ajardi*, que significa "estar acordado") tem exatamente o sentido de "despertar do sono, acordar", ou seja, passar do estado de sono ao de vigília. Era empregado correntemente com o sentido de ressuscitar, isto é, sair do estado de sono da morte, para o da vigília da vida. Para não haver confusão, acrescentava-se ao

verbo o esclarecimento indispensável: *egeíró ek* (ou *apó nekrôn*, “despertar de entre os mortos”.

ANÍSTÊMI, composto de ANÁ (com três sentidos: “para cima”, ou “de novo” ou “para trás”) e ÍSTÊMI (“estar de pé”). De acordo com as três vozes, teríamos os seguintes sentidos:

a) voz ativa (transitivo) - “levantar alguém”, “elevá-lo”; ou “tornar a levantar”, ou então “fazer alguém voltar”;

b) voz média - “levantar-se” (do lugar em que se estava sentado ou deitado, sem se cogitar se se estava desperto ou adormecido), ou “tornar a ficar de pé”, ou “regressar” ao lugar de onde se viera;

c) voz passiva - “ser levantado por alguém”, ou “ser posto de novo em pé”, ou “ser mandado embora de volta”.

Esse verbo, portanto, apresenta maior elasticidade de sentido que o anterior, podendo, inclusive, ser interpretado como “ressuscitar”; com efeito, não só a ressurreição pode ser compreendida um “despertar do sono da morte” (*egeíró*, que é o mais exato tecnicamente), como também pode ser entendida como um “levantar-se” de onde se estava deitado (o caixão); ou como um “tornar a ficar de pé”; ou como um “regressar ao lugar de onde se veio”. No sentido de ressuscitar foi usado por Homero (*Ilíada*, 24, 551), por Ésquiles de Elêusis (*Agamemnon*, 1361), por Sófocles (*Electra*, 139), etc.

No entanto, esse verbo *anístêmi* apresenta outro sentido muito importante, e que geralmente é desprezado pelos hermeneutas, que procuram esconder as idéias originais dos autores, quando não estão de acordo com a sua, e isso até em obras “cientificamente” organizadas (*Não estamos fazendo acusações levianas. Para só citar um exemplo moderno, tomemos a obra “Lexique de Platon”, publicada em dois volumes (1964) pelas edições “Les Belles lettres” (portanto editora crítica, da qual se espera fidelidade absoluta ao original). Pois bem, nessa obra, preparada pelo padre Édouard des Places, jesuíta, não figuram anístêmi, nem egeíró, nem o substantivo anástasis, nem qualquer outra palavra que signifique “reencarnação”...), e é o sentido de “reencarnar”. Realmente, a reencarnação é um “levantar-se” para reaparecer na Terra; é um “tornar a ficar de pé”, e é sobretudo um “regressar ao lugar de sua vida anterior”. Nesse sentido foi bastante empregado pelos autores gregos. Anotemos, todavia, que esse não era um verbo especializado nesse sentido, como o é, por exemplo, *ensómatôô* ou o substantivo *paliggenesía*. Numerosas vezes é usado, mesmo nos Evangelhos, com a simples acepção de “levantar-se” do lugar em que se estava sentado (cfr. Marc. 3:26; Luc. 10:25; At. 6:9, etc.).*

Daí a necessidade de interpretar, pelo contexto, qual o sentido exato em que foi empregado.

Ora, nos textos em estudo, os três sinópticos referem-se à opinião de Herodes com o mesmo verbo *egeíró* (que sistematicamente traduzimos por “despertar”, seu significado real e etimológico). No entanto, o próprio Lucas que empregou *egeíró* para exprimir a ideia de “ressurreição”, nesse mesmo versículo 8, para exprimir o “regresso à Terra” de algum dos antigos profetas, muda o verbo, e usa *anístêmi*... Então, não era a mesma coisa: João “ressuscitara”, despertara do sono da morte; mas o antigo profeta “regressara à Terra”, ou seja, em linguagem moderna, “reencarnara”. E assim traduzimos, acreditando haver agora justificado nossa tradução afoita.

Para antecipadamente responder à objeção de que não havia esse rigor “literário” nos evangelistas, queremos chamar a atenção para o verbo usado com referência a Elias. Era crença geral que Elias não desencarnara, mas fora raptado num carro de fogo (cfr. 2.º Reis, 2:11). Ora, nesse caso especial, não podia ser empregado *egeíró* (despertar dentre os mortos), nem *anístêmi* (reencarnar); e de fato, nenhum dos dois foi usado por Lucas, e sim um terceiro verbo: *epháne*, isto é “apareceu”. (PASTORINO, 1964, p. 87-88).

Estão corretos os que dizem que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia, motivo pelo qual não acreditam nela; porém, não se dão conta de que a ideia de voltar a viver num outro corpo, lá se encontra de forma bem explícita, por sinal.

Por outro lado, poderemos devolver-lhes o argumento, dizendo que não devem acreditar na Trindade, porque não existe essa palavra na Bíblia. Para “quem tem olhos de ver”, basta prestar a atenção no verbo ressuscitar que, algumas vezes, é empregado no sentido de

voltar à vida, ou seja, reencarnar, ainda que só uma vez. Porém, pode não ser apenas uma, pois, segundo Champlin e Bentes, temos que: **"A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema.** (CHAMPIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Paulo, em Atos dos Apóstolos, é quem vai falar da crença dos fariseus; faz isso de propósito diante do Sinédrio, para ver se conseguia salvar sua pele, pois tinha certeza de que a assembleia contra ele não iria adiante, dada a divergência entre as seitas dos fariseus e a dos saduceus. Assim se expressou: *Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado*" (At 28,6); foi o bastante para se instalar a divisão da assembleia, pois *"os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma e outra coisa"* (At 23,8).

Ora, mas o que devemos entender por ressurreição dos mortos, fora as explicações de Pastorino? Vejamos o passo:

Lc 10,27-38: *"Aproximando-se alguns dos saduceus – que negam existir ressurreição – interrogaram-no: 'Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão. Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos. Também o segundo, e depois o terceiro a tomaram; e assim os sete morreram sem deixar filhos. Por fim, também a mulher morreu. Essa mulher, na ressurreição, de qual deles vai se tornar mulher? Pois todos os sete a tiveram por mulher'. Jesus lhes respondeu: 'Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e **na ressurreição dos mortos**, não tomam nem mulher nem marido; como também **não podem morrer: são semelhantes aos anjos** e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: o Senhor Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. Ora, ele **não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele**'". (ver também Mt 22,23-33; Mc 12,18-27).*

Por este passo, fica claro que a "ressurreição dos mortos" nada tem a ver com ressurreição física, mas ressurgir, no outro mundo, em um corpo espiritual; corpo do qual falou Paulo (1Cor 15,44), o que se pode também deduzir da comparação acima, dos "filhos da ressurreição", com os anjos.

A parábola do rico e Lázaro é por demais conhecida; por isso vamos tomar dela apenas o que será útil ao presente estudo.

Lc 16,19-23: *"Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banquetava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambendo-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. **Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio**'".*

Esse último versículo é importante, porquanto ele reflete a crença da época de que todos os mortos iam para o xeol ou sheol, *hades em grego*, que algumas traduções vertem como "mansão dos mortos", sem qualquer tipo de distinção entre bons e maus. Ainda não se tinha a ideia de "céu" e "inferno". Então, todos os personagens citados no passo estão no xeol; tanto é verdade que bastou o rico, remoído pelo mal que fez, levantar os olhos para ver ao longe Abraão e Lázaro. Aliás, concordamos plenamente com o escritor Eduardo de Castro Bezerra Neto (1934-), que disse:

Não há suporte para reduzir tudo à formulação simplista de que parte das almas das pessoas está predestinada a gozar a felicidade da convivência com Deus, indefinidamente, enquanto que outra parte tem por destino o tormento do fogo. *Céu e Inferno*. É uma concepção difundida, porém a mais vazia de consistência. (BEZERRA NETO, 2010, p. 59).

Além disso, podemos ainda confirmar que não era crença naquela época, segundo o

exegeta, Bart D. Ehrman (1955-):

[...] O que surge é **a crença em céu e inferno, uma crença não encontrada nos ensinamentos de Jesus ou Paulo, mas inventada tempos depois por cristãos** que se deram conta de que o Reino de Deus nunca seria implantado nesta Terra. Essa crença se tornou um ensinamento básico cristão, o mundo sem-fim. (EHRMAN, 2010, p. 286, grifo nosso).

Apenas para situá-lo, caro leitor: Ehrman é Ph.D em teologia pela Universidade de Princeton e professor de estudos religiosos na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, considerado um dos maiores especialistas em Novo Testamento da atualidade.

Então, é totalmente impróprio se afirmar que na ressurreição haverá uma volta coletiva das almas a seus corpos físicos, pois Jesus pregava a ressurreição espiritual. É como se dará isso, porquanto os corpos não existem mais, por terem sido decompostos nos elementos químicos que os formaram e devolvidos à natureza.

Podemos, assim, entender que a crença dos fariseus era mesmo na ressurreição, pela qual a alma voltava a um outro corpo, o que era comum àquela época. Fácil de se comparar com as passagens nas quais o povo judeu atribui a Jesus a possibilidade de ser João Batista, Elias, Jeremias, ou alguns dos profetas (Mt 16,14; Mc 6,15; 8,28; Lc 9,7-8; 9,19), que só poderiam voltar em um novo corpo, ou seja, ressurgir dos mortos, para "nascer de novo". Dentro dessa ideia que tinham, o significado de ressurreição não é outro senão o de reencarnação. Ressalva deve ser feita em relação a João Batista, que era contemporâneo de Jesus; e essa referência de que Jesus seria João Batista demonstra claramente que eles não entendiam bem o assunto.

Aqui, cabe uma ressalva; com relação à possibilidade de se pretender afirmar que o fato do povo entender que Jesus seria João Batista nega a ressurreição, na forma como ela hoje é entendida pela Doutrina Espírita (reencarnação), porque ambos foram contemporâneos, contraria tal pretensão, justamente porque a resposta no sentido de que Jesus poderia ser um dos antigos profetas demonstra, claramente, que o povo tinha consciência plena da sua existência, apenas ignorando a forma como ela ocorria, pelo fato de supor que Jesus fosse João Batista.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2011.
(versão 11 – abr/2014).

Referência bibliográfica:

- Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada. 5ª ed. Aparecida, SP: Santuário, 1984.
Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
BERNARDES, M. *Nova floresta*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1965.
BEZERRA NETO, E. C. *Inferno e céu: desafio a inteligência. Refletindo sobre o conhecimento no século XXI*. Fortaleza: Premius, 2010.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995b.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia. Vol. 3*. São Paulo: Edit. Dist. Candeia, 1995c.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia. Vol. 5*. São Paulo: Edit. Dist. Candeia, 1995e.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia. Vol. 6*. São Paulo: Edit. Dist. Candeia, 1995f.

EHRMAN, B. D. *Quem foi Jesus? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2002.
HESSEN, J. Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina. *in*. Reformador, nº 2095. Rio de Janeiro: FEB, out/2003, p. 26-27.
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*. Rio de Janeiro, 1964.

(Versão original foi publicada na revista ***Espiritismo e Ciência Especial*** – *Grandes Temas do Espiritismo*, nº 48, São Paulo: Mythos Editora, jul/2011, p. 22-33).